

## ambiente

# Amazônia sob Bolsonaro

## Agricultores invadem terra indígena à espera de regularização

Vila Renascer, na Terra Indígena Apyterewa, no Pará, tem cerca de 2.000 casas, além de igrejas, mercado e restaurantes; moradores relatam que fazendeiros cedem lotes ilegalmente

Fabiano Maisonave e Lalo de Almeida

**TERRA INDÍGENA APYTEREWA E VILA SUDOESTE (PA)** Na Amazônia, curruetas são povoados surgidos na boca das florestas, próximas a garimpo ou desmatamento. Criada em 2016, a Vila Renascer não para de crescer. A cada dia, surgem casas, igrejas evangélicas, bares, restaurantes, oficina mecânica, posto de gasolina, mercado, postes de rede elétrica e até um pequeno hotel.

Pela lei, no entanto, nada disso deveria existir: o lugar está encravado na Terra Indígena (TI) Apyterewa, do povo parakanã, homologada em 2007. O impasse sobre a presença de não indígenas em Apyterewa arrasta há décadas. A sua retirada era uma das condicionantes para a licença ambiental para a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte no rio Xingu.

No governo Michel Temer (MDB), o Ministério da Justiça ignorou determinação do Supremo Tribunal Federal e paralisou a retirada de posseiros e de invasores de má-fé, ou seja, que entraram na área conscientes de que se tratava de uma terra indígena.

Após o recuo, houve novas invasões e abertura de garimpos. Esse movimento explodiu no final de 2018 e no início de 2019, com a promessa de Jair Bolsonaro de revisar demarcações. O desmatamento se alastrou para a TI Trinchira Bacajá, do povo xikrin. O resultado é que, em 2019, Apyterewa perdeu 8.420 hectares de floresta, comparável a 53 Parques Ibirapuera, a maior taxa de desmatamento desde a homologação há 13 anos. Trinchira Bacajá teve 5.600 hectares desmatados, também a maior perda desde a homologação, em 1996. Os números são do sistema Prodes, do Impe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

"Quando cheguei aqui, só eram a igreja e uma vizinha", diz o pastor Valdir dos Santos, 46, na vila há quatro anos. "Graças a Deus, já está chegando a mais de 2.000 casas." Natural de Belém, ele trabalhou de início como cabe-

leiro. Depois, conseguiu lote, onde plantou cacau, mandioca e banana. Também administra uma das quatro igrejas evangélicas, com 40 fiéis.

O pastor diz que Renascer recebe famílias até de outros estados, com a esperança de regularização: "O povo daqui acredita nessa fala do presidente", disse, na varanda do casebre erguido no lote.

Na entrada da casa de madeira onde funciona a Igreja de Missões, Santos colocou faixa com a seguinte passagem bíblica: "Disse: quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos céus".

Abastecido por uma rede elétrica ilegal, Renascer se tornou base para invasão e grilagem de terras indígenas. Para penetrar na floresta, os invasores reativaram uma estrada aberta pelos madeireiros ilegais de mogno nos anos 1980. A via começa em Apyterewa,

passa pela TI Igarapé Ipixuna, dos índios arawetés, considerados de recente contato, e chega até Trinchira Bacajá.

Um morador contou ter adquirido lote a 130 km da vila "na região do Ipixuna", área dos arawetés. Na estrada de terra de acesso à vila, a reportagem encontrou uma família que, em um Fiat Uno abarrotado, se mudava para a região, após negociar um lote de 163 hectares por R\$ 15 mil.

A presença do estado se resume a uma base permanente com funcionários da Funai e policiais da Força Nacional, sem poder de interferência nas invasões.

Na área da Apyterewa percorrida pela Folha, predominam pastagens, e o trânsito de caminhões com gado é comum. O município de São Félix do Xingu, onde se localiza grande parte de Apyterewa, concentra o maior rebanho do país, com 2,3 milhões de cabeças em 2018. Em dez anos, o crescimento foi de 18%. Os dados são do IBGE.

Por causa da Covid-19, a reportagem não visitou as comunidades parakanãs.

A chegada de invasores, geralmente agricultores pobres, tem o incentivo de fazendeiros com terras dentro de Apyterewa, segundo moradores.

"Cederam, não pegaram nenhum centavo, fizeram o lote mesmo pra população. Desde que o pessoal começou a entrar, eles começaram a ajudar. Aí foi dividindo, dividindo, até que encheram as áreas", diz colono Edson de Moraes, 51.

Moraes citou quatro fazendeiros: Paulinho, Joãozinho da Motolândia, seu João, de Palmas (TO), e Ourias. Todos, diz, distribuíram lotes em quatro áreas dentro de Apyterewa.

O agricultor mora em casa simples de tijolos aparentes na Vila Sudoeste. Trata-se de distrito de São Félix do Xingu surgido a partir de um assentamento do Inera. Está a 60 km da Vila Renascer, em área vizinha à Trinchira Bacajá.

Nascido em Goiás, ele conta que há três anos comprou lote de 272 hectares. Doou 54 hectares a dois pastores e desmatou 11, onde tem roça e capim. Afirma que é a primeira vez que possui terra própria.

### acompanhe a série

A Folha publica neste domingo (6) novo capítulo de "Amazônia sob Bolsonaro", que mostra mudanças e pressões na maior floresta tropical do mundo no atual governo e os desafios para mantê-la em pé. Acompanhe em [folha.com/amazonia-sob-bolsonaro](http://folha.com/amazonia-sob-bolsonaro)

No ano passado, os xikrins fizeram uma expedição para expulsar os invasores. Destruíram alguns barracos, mas Moraes e outros resistiram. Houve também operações da Polícia Federal e do Ibama, baseadas em decisão judicial de reintegração de posse. O agricultor, no entanto, persiste e confia no atual governo federal.

Uma investigação recente da Abin (Agência Brasileira de Inteligência) encontrou casos de colonos coagidos a trabalhar em troca de um lote e de contribuir para uma associação. A área prometida, no entanto, acaba vendida para outro, e o posseiro é expulso.

Em junho do ano passado, um dos principais líderes da grilagem de Apyterewa, Carlos Cabral, foi assassinado em Rio Maria (PA). Na época, a Polícia Civil decretou a prisão temporária de três fazendeiros acusados de promover grilagem. Foram apreendidos cerca de 40 armas de fogo, além de munição.

A redução da TI Apyterewa, com 773 mil hectares, tem sido defendida por associações lideradas por fazendeiros. A iniciativa conta com apoio jurídico da Prefeitura de São Félix do Xingu, comandada por Minervina Barros (PSD).

Em maio, eles obtiveram vitória parcial no STF. O ministro Gilmar Mendes intimou a União "sobre o interesse na tentativa de conciliação proposta pelo município de São Félix do Xingu". A decisão faz parte de mandado de segurança impetrado em 2007 pela prefeitura e pelas associações.

A ação questiona a homologação da terra indígena. Para o procurador do município





1 Vila Renascer, formada por invasores na Terra Indígena Apyterewa; 2 moradores conversam na rua principal; 3 ponte dá acesso à Terra Indígena Trinchira Bacajá, perto da Vila Sudoeste, distrito de São Félix do Xingu (PA); 4 pastor Valdir dos Santos em seu lote próximo à Vila Renascer; 5 placa indica estrada vicinal dentro da Apyterewa; 6 árvore morta em pasto dentro na terra indígena

Fotos Lalo de Almeida/Folhapress

Igor Franco de Freitas, o objetivo é que se refaça o estudo antropológico de Apyterewa. As associações afirmam que a maior parte da área nunca teve presença indígena e que a maioria dos ocupantes tem posse da terra de boa-fé.

Um dos principais líderes dos ocupantes, o fazendeiro Vicente Paulo Lima, o Paulinho do Ditão, negou a distribuição de lotes. "Como nós estamos doando se tudo já tem dono? Desde 1980, já existem as pessoas. Como você vai doar uma coisa que não é sua?"

Lima está entre os 268 ocupantes de boa-fé com direito à indenização relacionados pela Funai por estarem na área antes da Portaria Declaratória da TI, de 2001. O fazendeiro, porém, diz que há 2.500 famílias dentro de Apyterewa.

Um dos investigados pelo assassinato de Cabral, o fazendeiro teve a prisão temporária decretada, mas não chegou a ser detido. A Folha ele negou participação no crime.

Os parakanás são um povo tupi-guarani e se dividem em dois grupos. Em Apyterewa, vivem os parakanás ocidentais, hoje 728 pessoas. O contato desse grupo com a sociedade nacional é recente, do início dos anos 1980. Nessa época, eles passaram a sofrer pressão de madeireiras ilegais de mogno e de garimpeiros.

Atualmente com a posse de apenas 20% do seu território, os parakanás divulgaram um comunicado criticando a decisão de Gilmar Mendes. "Nós, povo parakaná, não aceitamos a tentativa de conciliação, pois, no passado, já foram feitos acordos e, mesmo assim, os posseiros continuam invadindo nosso território."

Em vídeo enviado à Folha, o líder Surara Parakaná afirmou: "Está escrito lá no papel que a TI Apyterewa é do povo parakaná. Devolva a terra Apyterewa para o povo parakaná, mas que seja o mais rápido possível. Porque, se vocês demorarem muito, vocês vão entregar uma terra vazia pra nós. Nós não queremos uma terra vazia."

Este projeto foi patrocinado pela Climate News, um site britânico de notícias climáticas



Amazônia sob Bolsonaro

Onde ficam as terras indígenas



Desmatamento



\*Ano da homologação  
Fontes: Rede Xingu; Prodes (Inpe). O ano-calendário é calculado de agosto a julho do ano seguinte

